

Universidade Gama Filho

Marcelo Fleuri de Barros

Vícios Linguísticos na Mídia

São Paulo

2010

VÍCIOS LINGUÍSTICOS NA MÍDIA

Marcelo Fleuri de Barros¹

Linguística

Universidade Gama Filho – UGF

mfleury@folha.com.br

Resumo: Este artigo apresenta uma pesquisa de enfoque prático em que o objetivo é abordar o uso do vernáculo na mídia de forma a enquadrá-lo no contexto atual, dando noção de como o falante moderno se utiliza da linguagem nos meios de comunicação. Foram utilizados artigos de jornais - uma vez que o foco está na imprensa escrita - para obtenção dos dados pesquisados. Mediante leitura de vários periódicos, entre o período compreendido de 1º de novembro de 2009 a 15 de março de 2010, coletaram-se diversas ocorrências de “**vícios linguísticos**”, sendo que o que se apresenta é apenas uma síntese desses resultados. Assim, algumas dessas ocorrências foram anotadas, analisadas e comparadas com o estabelecido pela gramática-padrão e seus conceitos, sendo categorizadas de acordo com as espécies de **vícios linguísticos** encontrados, e por fim recomendadas adequações. Diante do trabalho executado e do que foi pesquisado, concluiu-se que a Norma Culta não é aplicada em sua plenitude no dia a dia dos grandes veículos de comunicação.

Palavras-chave: Linguagem. Vícios linguísticos. Mídia. Ortografia. Norma culta.

¹ Bacharel em Administração e Direito.

1. Introdução

A Língua Portuguesa é tão diversa quanto os povos que a falam, motivo pelo qual qualquer tipo de padronização nunca será satisfatório, uma vez que ao lidar com a língua, lidamos com pessoas, com ciência humana, e que, como tal é sempre passível de divergências; que não proporciona resultados iguais nem consenso, mas sim infindáveis e salutares discussões.

O presente trabalho tem por objetivo analisar e discutir a linguagem apresentada nos meios de comunicação, tendo como foco os “vícios de linguagem”, sugerindo a “melhor” aplicação da norma num contexto pretensamente culto.

Não é mister da pesquisa simplesmente “apontar erros”, mas sim discutir aplicações, caminhos e formas mais adequadas de uso da língua, tendo em vista o público alvo a que se destinam as publicações comentadas, composto em sua maioria por leitores, em princípio, versados na “Norma Culta”.

A questão reveste-se da maior relevância, vez que a língua é a identidade de um povo e sua preservação apresenta desdobramentos não apenas teóricos, mas sobretudo práticos, tendo em vista seu contexto e relevância socioculturais, econômicos e por que não dizer, políticos.

2. Vícios linguísticos

“São incorreções e defeitos no uso da língua falada ou escrita. Originam-se do descaso ou do despreparo linguístico de quem se expressa.”²

“Desvio da norma em decorrência do não conhecimento da linguagem padrão por parte do falante. Deve, portanto, ser considerado erro.”³

A seguir as espécies de vícios encontradas como resultado desta pesquisa:

2.1 Pleonismo vicioso ou tautologia

Pleonismo é termo genérico, que assim se subdivide:

² CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 45ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002, p. 587.

³ TERRA, Ernani; NICOLA, José de. *1001 dúvidas de Português*. 10ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2000, p. 226.

2.1.1 Pleonasma de estilo – Aquele utilizado na linguagem literária para embelezamento, adorno ou reforço de expressão. Seu uso é aceito como legítimo. Exemplo: “Vi com meus próprios olhos”.

2.1.2 Pleonasma vicioso ou tautologia - Tautologia (palavra derivada do grego que dá a ideia de mesmo, idêntico) ou pleonasma vicioso. Caracteriza-se pela repetição de uma ideia por meio de palavras diferentes que têm o mesmo significado, gerando uma redundância, que por desnecessária ocasiona o **vício de linguagem**.

2.2 Pleonasma nos dicionários

Antes de adentrar ao tema específico dos **vícios linguísticos** na mídia cabe uma breve análise sobre ocorrências de vício apresentadas em dicionários. A intenção é demonstrar a dificuldade e complexidade do tema, pois os próprios dicionários, que devem ser nossos guias para fins de aperfeiçoamento do vernáculo apresentam “impropriedades”, o que corrobora a diversidade de definições na língua. Para tanto foram consultados seis dicionários: Aurélio, Houaiss, Caldas Aulete, Sacconi, Cegalla e Pasquale. Seguem dois exemplos:

2.2.1 Apanágio

O dicionário Caldas Aulete define como: *característica particular, atributo*.

O Aurélio define como *propriedade característica*.

Sacconi – *Característica particular, peculiaridade*.

Pode-se definir *característica*, segundo os dicionários consultados, e com algumas variações, como *particularidade*, *peculiaridade* ou *propriedade de algo* ou *alguém*. Numa análise ampla pode-se dizer (em relação aos três dicionários supracitados) que incorreram em pleonasma ou tautologia. Sim, porque grosso modo toda característica ou propriedade é particular ou peculiar, e vice-versa.

2.2.2 Interstício

Em consulta aos mesmos dicionários, eis que Caldas Aulete, Sacconi e Houaiss apresentam definição muito semelhante para a palavra. Os três definem interstício como *espaço vazio, o que leva à indagação*: Não seria exatamente essa a principal característica de

espaço, o fato de ser vazio? Se o espaço estivesse cheio não deixaria de ser espaço? Encontra-se então outra situação em que esses dicionários apresentam pleonismo ou tautologia.

2.3 Pleonismo na mídia

A mídia, tanto eletrônica quanto escrita, é um dos principais fornecedores de matéria-prima para discussões acerca do tema dos **vícios linguísticos**, sendo que um dos campeões dessas ocorrências é o pleonismo. A título de exemplo:

1. **ESPAÇO ABERTO** (nome de uma seção de artigos do jornal O Estado de S. Paulo e de programa no canal de TV por assinatura da emissora Globo News).

Grosso modo, trata-se de pleonismo, pois se o espaço estivesse fechado, assim como aquele “espaço cheio”, na verdade não haveria espaço algum.

2. **VIVER A VIDA** (novela da Rede Globo)

Outro caso de tautologia, pois o que há para se viver a não ser a própria vida? Alguns dirão, por exemplo, que pode-se viver uma bela história de amor. Certamente. Mas aqui teríamos a exceção que confirma a regra: Viver no sentido *lato*, trata-se de “vida” e portanto não há que se explicar (pois é isso que se vive em regra – a vida).

2.3.1 “Quórum mínimo”

“... Mas a nova versão, aprovada quarta-feira em primeiro turno por 328 deputados, apenas 20 a mais que o **quórum mínimo** de 3/5...” (O Estado de S. Paulo, 6/11/2010 – O calote confirmado). (g.n.)

Definição de quórum, segundo o dicionário Houaiss: *número mínimo obrigatório de pessoas em assembleia deliberativa*.

A palavra já traz em sua definição a qualidade de ser número **mínimo**, portanto é totalmente descabido falar-se em **quórum mínimo** que é tautologia ou pleonismo. Por outro lado, seria um contrassenso falar em **quórum máximo**, uma vez que o sentido da palavra está ligado diretamente a mínimo exigido.

2.3.2 “Principal protagonista”

“...Depois de ser o **principal protagonista** das críticas ao governo do presidente Luis Inácio Lula da Silva,...” (estadao.com.br – 14/11/2009 – PT e PSDB voltam a utilizar incidente para ataques). (g.n.)

Protagonista já tem o significado de personagem principal.

2.3.3 “Consenso geral”

“...O **consenso geral** é que todo mundo deseja uma breve solução, ...” (estadao.com.br – 18/11/2009 – Líderes estaduais do PSDB querem definir candidato até janeiro). (g.n.)

Já que não existe *consenso individual*, trata-se de pleonismo vicioso. O próprio Manual de Redação e Estilo do jornal aponta tal caso como exemplo de redundância.⁴ O que não se sabe é se o periódico reproduziu a frase fielmente, tendo ciência do **vício linguístico**, ou se, pelo contrário não percebeu o equívoco. Nesses casos a utilização do termo *sic*⁵, que quer dizer que a palavra ou expressão foi escrita ou falada assim mesmo, indicaria que o erro foi percebido, porém optou-se pela reprodução fiel.

2.3.4 “Parecer técnico”

“...Será feito um **parecer técnico** do processo para orientar a Presidência da República sobre o caso...” (estadao.com.br – 19/11/2009 – “*Defenderei posição de Battisti se Lula me consultar*”, diz Tarso). (g.n.)

Assim como toda perícia e todo laudo, o parecer **deve** ser técnico, pois tais termos têm essa essência (técnica).

2.3.5 “Previamente preparadas”

“...No Brasil, geralmente as celebrações das datas inaugurais de grande conteúdo simbólico não são **previamente preparadas**...” (O Estado de S. Paulo – 25/11/2009 – Razões para uma reflexão crítica – Marco Maciel). (g.n.)

O autor, Senador, político experiente, que já foi governador do Estado de Pernambuco e Vice-Presidente da República, e é membro da ABL (Academia Brasileira de Letras), parece simplesmente ter esquecido que *preparado* é uma palavra que tem o prefixo *pre*, e que por definição é algo **planejado, aparelhado antecipadamente**.

⁴ **MARTINS FILHO**, Eduardo Lopes. *Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo*. .3ª ed. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997, p. 80.

⁵ advérbio latino (assim mesmo, desse modo); costuma aparecer entre parênteses, em citações, para mostrar que as mesmas se fazem literalmente, *ipsis verbis*, ou para indicar erros ou quejandos. – **HENRIQUES**, Antonio. *Prática da linguagem jurídica*. 2ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

2.3.6 “Fatos reais”

“...É claro que uma obra de entretenimento, mesmo quando diretamente baseada em **fatos reais**...” (O Estado de S. Paulo – 14 de janeiro de 2010 - O lulismo vai ao cinema - Eugênio Bucci.). (g.n.)

Todo fato é real, pois uma de suas definições é “aquilo que é real”. (Sacconi).

2.3.7 “Check-up médico completo”

“...Ontem, Marina passou por um **check-up médico completo**...”.(O Estado de S. Paulo – 15/1/2010 - página A-4 - Nacional – Clarissa Oliveira e Ana Conceição - Depois do Rio, PV mira São Paulo). (g.n.)

Segundo o dicionário Houaiss, check-up é um exame médico minucioso.

Na definição do dicionário Caldas Aulete trata-se de um exame médico geral.

Então check-up, pelo menos em tese, e quando se trata de seres humanos é um **exame médico geral, minucioso e completo**. Portanto não há que se falar em check-up médico, o que já seria tautologia; acrescentando-se a palavra **completo** vira um “cumulasmo”, ou seja, o cúmulo do pleonasmo.

2.4 Solecismo

Vício de linguagem que consiste em desviar-se da norma culta com relação à sintaxe⁶. (g.n.).

É uma transgressão à sintaxe, seja com relação a concordância nominal ou verbal, regência, colocação e ortografia. Conforme segue:

2.4.1 “...Foi anunciado investimentos de R\$7,68 bilhões...” (DCI – Diário Comércio Indústria & Serviços – 14 de janeiro de 2010 - página A4 – política – notas-crise – Arruda é vaiado em reunião de governadores no Itamaraty). (g.n.)

Aqui não foi respeitada a sintaxe de concordância, pois investimentos (plural) devem ser anunciados. Portanto o correto seria: *Foram anunciados investimentos de R\$7,68 bilhões*.

⁶ TERRA, Ernani. p. 205.

2.4.2 “...Ciro e Marina patinam...” (Folha de S. Paulo – 18 de janeiro de 2010 - página A-2 opinião – Fernando Rodrigues). (g.n.)

Este é um vício que tanto a imprensa escrita quanto falada cometem constantemente, pois **patinar** e **patinhar** são coisas diferentes. **Patinar** é nada mais, nada menos que andar de patins. Já, **patinhar**, que é o termo que deveria ter sido usado no título do texto, é a tentativa que se faz de movimento (à semelhança dos patos) numa superfície, sem sucesso por falta de aderência. Assim, temos: *O carro patinhou na lama.*

2.4.3 “...Essas leis, no entanto, veem sendo sistematicamente desrespeitadas...” (O Estado de S. Paulo – 21/1/2010 - O cinismo da burla). (g.n.)

O articulista trocou o verbo **vir** que seria o correto, na sua forma plural (vêm) pelo verbo **ver** (veem), o que leva a leitura equivocada e altera o sentido da frase.

2.4.4 “Ciúmes destruiu casamento” (O Estado de S. Paulo – 25/1/2010 - página C4 - Cidades/Metrópole). (g.n.)

Há falta de concordância, pois se a palavra **ciúmes** está no plural, obviamente que o verbo deveria acompanhá-la e a frase deveria ficar assim: *Ciúmes destruíram casamento.*

2.4.5 “...Já é reconhecido na Globo os esforços de Jayme Monjardim...” (O Estado de S. Paulo – 25/1/2010 - caderno 2 - página D7 - tevê - Entre-linhas). (g.n.)

A rigor, a primeira questão aqui é o título da seção do jornal (“Entre-linhas”) que deve ser grafado sem hífen em respeito ao acordo ortográfico. A segunda questão está na falta de concordância, pois se o que é reconhecido são os esforços, então a frase deveria apresentar-se da seguinte forma: *Já são reconhecidos na Globo os esforços de Jayme Monjardim.* Outra forma seria: *Já é reconhecido na Globo o esforço de Jayme Monjardim,* ou ainda: *Já é reconhecido na Globo que os esforços de Jayme Monjardim...*

2.4.6 “MST deve evitar invasões próximas às eleições” (estadao.com.br – 29/1/2010). (g.n.)

O redator confundiu o **adjetivo** próximo – que tem feminino e plural - com o **advérbio** próximo que é invariável e deveria ter sido usado no caso. A oração deveria ter sido escrita (corretamente) da seguinte forma: *MST deve evitar invasões próximo das (ou às) eleições* (que tem o mesmo significado de perto das eleições).

2.4.7 “Estratégia de campanha não muda até **descompatibilização**”, diz Dilma...” (Folhaonline – 18/2/2010). (g.n.)

A expressão correta, usada, conhecida e reconhecida como sendo o contrário de compatibilização é **desincompatibilização**.

2.4.8 “Após caso da **Mega Sena**, Caixa adverte sobre bolão” (O Estado de S. Paulo – 24/2/ 2010 - 1ª página-A1). (g.n.)

“...no sábado, ao menos 35 compradores de um bolão em Novo Hamburgo (RS) acertaram os números sorteados no concurso 1.155 da **Mega-Sena**...” (Folha de S. Paulo – 24/2/2010 - C4 – Cotidiano). (g.n.)

A rigor, a despeito do novo acordo ortográfico, ainda estamos numa fase de transição e não há obrigação em segui-lo, porém os jornais já estão adotando as novas regras. Contudo, neste caso não se sabe por que, os dois maiores jornais do país ainda escrevem cada qual à sua maneira a palavra **megassena**, que na verdade, a partir do novo acordo teve a grafia alterada e escreve-se com dois esses e sem hífen.

2.4.9 “...Além disso, não se deve tratar operações privadas como parte de programa de governo, sobretudo recursos das cadernetas de poupança, que são da população. Não **proveem** de fontes governamentais...” (O Estado de S. Paulo – 6/3/2010 - página A3 – Notas e Informações). (g.n.)

O jornal cometeu um erro teratológico ao confundir o verbo **prover** que significa fornecer, abastecer, com o verbo **provir** que significa proceder, ter origem, que é o que deveria ter sido usado (na sua forma plural - provêm).

2.5 Obscuridade

Sentido obscuro ou duvidoso decorrente do emaranhado da frase, da má colocação das palavras, da impropriedade dos termos, da pontuação defeituosa ou do estilo empolado.⁷.

Trata da falta de clareza. Conforme segue:

⁷ CEGALLA. p. 588.

2.5.1 “...Pré-candidato do PT ao governo do Rio Grande do Sul, Tarso disse que a eleição de Dilma deve ser **prioridade do PT frente às eleições regionais**... A política nacional **não pode prescindir às regionais**, afirmou...” (Folhaonline – 9/2/2010). (g.n.)

O artigo apresenta-se um tanto quanto confuso, pois o que é dito no primeiro parágrafo é contrariado a seguir. Afinal, como pode a questão nacional ser ao mesmo tempo **prioridade**, sem no entanto poder **prescindir** (dispensar, descartar) às regionais?

2.6 Ambiguidade

Defeito da frase que apresenta duplo sentido.⁸

2.6.1 “...Lista unificada de livros da USP e da UNICAMP **ficará** igual até 2012...” (Folha de S. Paulo – 19/1/2010 página – A1). (g.n.)

A manchete causa estranheza pela falta de coerência, uma vez que pode dar a entender (devido ao uso do verbo **ficar** utilizado no futuro) num primeiro momento que a lista hoje não é igual, e que tornar-se-á igual paulatinamente até 2012; tanto quanto pode-se entender que a lista é igual e assim permanecerá. A dúvida só é realmente dissipada mediante leitura apurada, o que só é possível quando abre-se o jornal no caderno específico sobre o assunto (FOVEST). Aí percebe-se que a lista que já é igual, tanto que unificada, continuará igual até 2012, ou seja, o melhor verbo a ser utilizado é **continuar** ou mesmo **permanecer**, o que resultaria num melhor entendimento e eliminaria o duplo sentido.

2.7 Crase

A palavra crase (do grego *krásis* = mistura, fusão) designa, em gramática normativa, a contração da preposição **a** com:⁹

1. O artigo feminino **a** ou **as**;
2. O pronome demonstrativo **a** ou **as**;
3. O **a** inicial dos pronomes **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo**.

Este fenômeno linguístico é representado graficamente por um acento grave (´) sobreposto à letra **a**.

Assim, em vez de escrevermos “fui **aa** escola”, escrevemos simplesmente: Fui **à** escola.

⁸ CEGALLA. p. 587.

⁹ *Idem*, p. 256.

2.7.1 “...Eu próprio,...comecei a escrever a máquina quase ao mesmo tempo em que **à** mão...” (O Estado de S. Paulo – 12/1/2010 - página A2 – Opinião – A escrita à mão - Ruy Castro). (g.n.)

Note-se que o articulista usou o acento grave indicador de crase em “**à** mão”, mas não o fez em “**a** máquina”. Por que escreveu assim? Poderia ter feito diferente? Está certo ou errado?

Primeiramente cumpre-se esclarecer que este caso – uma vez que não se trata de caso específico de fusão de artigo com preposição, mas de simples preposição sem presença de artigo - não encontra consenso entre os gramáticos, que pelo contrário, dividem-se em duas correntes:

1ª) Proíbe o uso do acento indicativo de crase, uma vez que no masculino, a expressão não aceita artigo, mas somente a preposição “a”;¹⁰

2ª) Recomenda o uso do acento por motivo de clareza, para evitar a ambiguidade, o que pode ser ilustrado em situações como:

- Escrever a máquina (ou **à** máquina). No masculino, diz-se: Escrever a lápis.
- Comprar a vista (ou **à** vista). No masculino não se acentua: Comprar a prazo.

Frases como: escrever **à** mão, escrever **à** máquina, assalto **à** mão armada; soam de forma estranha, pois podem ensejar a impressão/interpretação de que está se escrevendo para a mão, ou para a máquina, e que a mão está sendo assaltada, sendo que a falta do acento não causaria nenhum prejuízo ao entendimento.

Assim, voltando à análise do artigo, o autor tanto poderia ter escrito as duas frases com acento indicador de crase, como poderia tê-las escrito sem acento, dependendo de seu entendimento (do autor) a respeito do assunto e a que corrente de gramáticos se filia. Optou por escrever cada uma de um jeito.

2.8 Antinomia Linguística

Há expressões que são utilizadas na Língua Portuguesa que, do ponto de vista lógico soam de forma muito estranha, uma vez que negam o que afirmam, desdizendo o que dizem, resultando em contrassenso, uma espécie de “**antinomia linguística**”. Grosso modo seria o contrário do pleonismo, pois enquanto este repete o sentido da frase se utilizando de palavra

¹⁰ **MARTINS**, Dileta Silveira; **ZILBERKNOP**, Lúbia Scliar. *Português Instrumental*. 28ª ed. São Paulo: Atlas, 2009, p. 315.

adicional desnecessária, na **antinomia linguística** temos, geralmente, uma expressão composta por duas palavras de significados contrários, sendo que uma neutraliza o sentido da outra, vez que diferentes e antagônicos.

Tendo em vista que o falante moderno muito se utiliza dessa forma de expressão, e que a mídia acompanha esse uso; e na falta de uma espécie própria na doutrina linguística que contemple este “vício”, optou-se por abrir um item neste trabalho que leve em consideração tal fenômeno linguístico.

2.8.1 “...E isso porque os números da nova pesquisa do Datafolha, mostrando Dilma Rousseff cada vez mais no seu encalço, obrigaram os tucanos a **voar atrás do prejuízo...**” (O Estado de S. Paulo – 7/3/2010 - página A3 - Notas e Informações - O candidato clandestino). (g.n.)

Variante da célebre frase: *correr atrás do prejuízo*.

Mesmo sabendo que nem sempre a Língua segue a lógica, este tipo de expressão é estranho, pois o prejuízo não precisa ser perseguido, vem sozinho, quem precisa e deve ser perseguido é o lucro, que ainda assim às vezes corre ou voa de nós.

2.8.2 “...Certas mudanças de expressão, adotadas um dia por não se sabe quem e depois transformadas em regras quase compulsórias na língua portuguesa, muitas vezes significam uma disparatada **inversão lógica**. De repente, por exemplo, ninguém mais diz que alguém está correndo **risco de vida**, mas sim que está correndo **risco de morte**. Que sentido tem isso? **Risco de vida** significa o perigo que a vida do cidadão está correndo, em razão de doença ou de acidente sofrido, que poderá levá-lo à morte. E **risco de morte** o que quer dizer? Seria o perigo de a morte não ocorrer, ou seja, o risco de alguém se tornar imortal?...” (O Estado de S. Paulo – 7/11/2009 – Meu rol de implicâncias – Mauro Chaves). (g.n.)

“...Ninguém mais corre **risco de vida**, só **de morte**, ou seja, não é mais a vida que está em perigo. Suponha que alguém resolva atravessar uma avenida com o sinal fechado, zanzando entre os carros. Até outro dia esse gesto poria sua vida em risco. Não mais. Hoje, segundo a nova língua – adotada por jornais, rádios, TVs, internet e o locutor da pamonha - o sujeito corre **risco de morte**. Quer dizer: está ameaçado de não morrer nunca, mesmo que os carros lhe passem por cima...” (Folha de S. Paulo – 9/11/2009 –A2 - opinião - A nova língua – Ruy Castro). (g.n.)

“...Preciso defender uma sugestão aqui publicada há tempos, e cujo uso um amigo criticou ontem na **Folha**. Foi a menção à conveniência de evitarmos o que, a meu ver, é o **velho equívoco** de tratar as situações de perigo como **risco de vida**. Meu argumento é sucinto. **Ter a vida em risco é risco de morrer**. Logo, **risco de morte**. Aceito “supor que alguém resolva atravessar uma avenida com o sinal fechado”. Pois é, ele se arrisca a morrer, põe a vida em **risco de morrer: em risco de morte**. Em retribuição, proponho supor o insucesso do quase suicida desesperado: **risco de vida**, coitado. **Risco de vida não**, forçosamente, o mesmo que vida em risco.” (Folha de S. Paulo – 10/11/2009 – A6 brasil – O velho e o novo – Janio de Freitas). (g.n.)

Os articulistas, Mauro Chaves e Ruy Castro (autores dos dois primeiros artigos), entendem ser descabida a forma “risco de morte”; o primeiro fala até em inversão lógica. O professor, gramático e dicionarista Luiz Antonio Sacconi admite como corretas as duas formas: **risco de vida** e **risco de morte**.¹¹ No entanto o argumento apresentado pelo gramático vai em direção oposta à do jornalista Mauro Chaves no que se refere à lógica da questão, uma vez que para Sacconi a expressão **risco de vida** é tradicional na língua, ao passo que **risco de morte** seria mais lógica. No entanto também diz que a língua não é um instrumento lógico, e que os que assim pensam são incipientes nos estudos linguísticos ou retiraram pouco proveito de seu aprendizado.

A expressão **risco de vida** é de uso tradicional e arraigado no jargão jurídico, sendo que aparece no Código Penal e no Código de Processo Penal. No entanto tais leis datam de 1940 e 1941, respectivamente. Uma época longínqua, século passado, quando farmácia ainda era escrita com “ph” e adultério era considerado crime e não uma questão sociológica como nos dias de hoje. Como é natural que ocorra, houve evolução na língua e seu entendimento – ou como sugere Janio de Freitas, o velho equívoco deu lugar à conveniência de um novo entendimento - sendo que os meios de comunicação e os atuais manuais de redação acertam ao adotar o uso de **risco de morte**. E se a língua não é estritamente lógica como diz Sacconi - pois sabemos que muitas questões são convencionadas - mas uma vez que temos a prerrogativa de aliar lógica e ortografia, por que não fazê-lo? Ninguém diz que é *ameaçado de vida* e sim *de morte*. Risco é algo ruim, não se corre o risco de ficar rico, de arrumar um emprego, etc. Corre-se o risco de ficar desempregado, de ficar doente, de ficar pobre, de morrer. Assim, dizer que corre *risco de vida*, *perigo de vida* ou *ameaça de vida*, é algo tão esdrúxulo quanto *quórum máximo*, uma “**antinomia linguística**”.

¹¹ SACCONI, Luiz Antonio. *Corrija-se de A a Z*. 1ª ed. São Paulo: Nova Geração, 2008, p. 383.

2.8.3 “...Se tivesse recebido **críticas construtivas** no devido tempo e....” (O Estado de S. Paulo – 5/12/ 2009 - O país das vacas sagradas - Mauro Chaves). (g.n.)

Outra expressão estranha e incoerente, tendo em vista a própria definição da palavra crítica, que em seu sentido *lato* significa repreensão, censura, algo desfavorável. Em sentido estrito é aceitável como positiva no sentido de boa crítica feita por profissional, porém no sentido geral é um contrassenso, posto que incomum que alguém queira criticar e elogiar ao mesmo tempo. Ou se critica, o que *lato sensu* é algo desfavorável, ou se elogia, ou talvez se faça uma sugestão. O que não é possível é fazer tudo junto.

Outros exemplos de **antinomia linguística**: risco de saúde; risco de vida; perigo de vida; ameaça de vida; bons vícios; racionalismo religioso; resumo completo; correr atrás do prejuízo; fato inverídico; boato verdadeiro, quórum máximo, entre outros.

3. Conclusão

No desenvolvimento do presente trabalho foram relatadas situações do cotidiano relativas à linguagem apresentada nos meios de comunicação, mormente da imprensa escrita, mediante as quais foram identificadas ocorrências de **impropriedades de linguagem**, cujas situações de uso estão descritas e conceituadas nas modalidades de **vícios linguísticos**, explicando-se o uso “adequado” visando a aplicação da “Norma Culta”.

Após cuidadosa análise do material apresentado, pelo qual foram lidos diversos artigos de periódicos, houve a constatação de muitas ocorrências de vícios, das quais fez-se uma seleção constante deste trabalho. Dos resultados obtidos, conclui-se que a linguagem utilizada pela mídia atualmente segue seus próprios padrões, sendo que muitos veículos têm seu próprio manual de redação. Porém a existência de um manual de redação, não é garantia de correção gramatical, mesmo porque muitas vezes não se faz o que se escreve. O maior problema resume-se à precariedade das revisões, pois na maioria das vezes, a grande e talvez maior preocupação seja o tempo.

Destarte, “Norma Culta” e qualidade nem sempre são conceitos presentes, que dirá prioritários na linguagem usada pelos grandes meios de comunicação.

Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos. Rio de Janeiro, 2002. 7 p.

_____. **NBR 6022**: informação e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro, 2003. 5 p.

_____. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002. 24 p.

_____. **NBR 6028**: informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003. 2 p.

AULETE, Caldas. *Dicionário Caldas Aulete da Língua Portuguesa: edição de bolso*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2008.

AZEVEDO, José Carlos. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BASTOS, Dau; **SOUZA**, Mariana; **NASCIMENTO**, Solange. *Monografia ao alcance de todos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 45ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

CIPRO NETO, Pasquale. *Dicionário da Língua Portuguesa comentado pelo Professor Pasquale*. Barueri, SP: Gold Editora, 2009.

CIPRO NETO, Pasquale. *O dia-a-dia da Nossa Língua: O Professor Pasquale analisa a língua portuguesa e você aprende em exercícios com respostas*. São Paulo: Publifolha, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa dicionário*. 7ª ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

FISCHER, Luís Augusto. *Dicionário de palavras & expressões estrangeiras*. Porto Alegre: L&PM, 2004.

GUIMARÃES, Deocleciano Torrieri. *Dicionário Técnico Jurídico*. 4ª ed. rev. e atual. São Paulo: Rideel, 2001.

HENRIQUES, Antonio. *Prática da Linguagem Jurídica: solução de dificuldades, expressões latinas*. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HOUAISS, Antonio. *Míni Houaiss: dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

MARTINS, Eduardo. *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997.

MARTINS, Dileta Silveira; **ZILBERKNOP**, Lúbia Scliar. *Português Instrumental: de acordo com as atuais normas da ABNT*. 28ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

SACCONI, Luiz Antonio. *Corrija-se de A a Z*. São Paulo: Nova Geração, 2008.

SACCONI, Luiz Antonio. *Minidicionário Sacconi: o seu dicionário de língua portuguesa*. 11ª ed. São Paulo: Editora Nova Geração, 2009.

TERRA, Ernani; **NICOLA NETO**, José De. *1001 dúvidas de português*. 10ª ed. São Paulo: Saraiva, 2000.